

Mimografia ou dos Rastros da Língua de Sinais como patrimônio cultural

Mimography or from of Sign Language as a cultural patrimony

Aline Lima da Silveira, LAGE (INES)¹
Celeste Azulay, KELMAN (UFRJ)²

RESUMO

No âmbito da luta pelos direitos à educação igual para todos, encontra-se a luta por uma educação bilíngue para surdos. Neste texto, apresentamos uma problematização e uma demanda. Argumentamos que a aceitação da cultura, da identidade e da visão de mundo das pessoas surdas envolve não esquecer as obras e o patrimônio na secular luta pelos seus direitos. Por esse motivo, a proposta deste artigo visa divulgar entre os pesquisadores da língua de sinais os esforços empenhados por Ferdinand Berthier e por Roch-Ambroise Auguste Bébien, em especial a sua obra *Mimographie ou Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds-muets*³, de 1825. Acreditamos que, além de se destacar a obra de William C. Stokoe, incorporar a obra e a ação de professores e militantes surdos franceses na luta pelo reconhecimento da língua de sinais é, simultaneamente, um resgate e uma importante estratégia.

Palavras-chave: Língua de sinais, Roch-Ambroise Auguste Bébien, Mimographie, Escrita de sinais, Rememoração

ABSTRACT

*In the context of the struggle for the rights to equal education for all, there is the struggle for a bilingual education for the deaf. In this text, we present a problematization and a demand. We argue that the culture, the identity and the worldview of deaf people involve not forgetting the works and heritage in the secular struggle for their rights. For this reason, the proposal of this article aims to disseminate among sign language researchers the efforts committed by Ferdinand Berthier and by Roch-Ambroise Auguste Bébien, in particular in his work *Mimographie or Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds-muets*, of 1825. We believe that, in addition to highlight the work of William C. Stokoe, to incorporate the work and action of French deaf teachers and militants in the struggle for recognition of sign language is simultaneously a rescue and an important strategy.*

Keywords: Sign Language, Roch-Ambroise Auguste Bébien, Mimography, Sign writing, Remembering

¹ Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Departamento de Ensino Superior; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7786-5529>; alinelimaines@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Educação; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6633-8931>; celeste@kelman.com.br

³ Em tradução livre: *Mimografia ou Ensaio de uma escrita da mímica, própria para regularizar a língua dos surdos-mudos.*

1. Apresentação de uma problematização e de uma demanda

Na tese de doutorado em Educação defendida em 2019⁴, procuramos compreender a inserção de surdos como professores no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), buscando as narrativas dos mesmos. Incluímos como objetos da pesquisa documental e bibliográfica, narrativas de professores surdos e de surdos do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris⁵ (INSMP); um dos nomes com o qual foi nomeado o atual Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris.

A convocação de trabalhos para um dossiê que reflita, analise e, sobretudo, problematize as práticas com educação dos surdos visando estabelecer um olhar social, educacional e linguístico nos motivou a dividir com os pesquisadores do campo alguns dos resultados alcançados em nossa investigação. Particularmente, quando se referiram ao reconhecimento das línguas de sinais.

Aproximamo-nos de Aguiar & Chaibue (2015) para afirmar que a pesquisa atual admite e cita de forma modesta as pesquisas sobre língua de sinais do professor francês ouvinte, Roch-Ambroise Auguste Bébien (1789-1839), bem como do professor surdo Ferdinand Berthier (1803-1886). Ambos, professores do INSMP. Por isso, enfatizamos a necessidade de considerar que houve reconhecimento das línguas de sinais em períodos anteriores a 1960.

A luta secular dos surdos para o reconhecimento de seus estudos e pesquisas sobre cultura(s), identidade(s) e língua não têm sido adequadamente compartilhada no Brasil. Reverter esse quadro pode reforçar a busca pela efetivação do direito dos surdos a uma educação bilíngue. Lembremos que os militantes surdos do século XIX acreditavam terem iniciado avanços políticos, culturais e sociais que não poderiam ser interrompidos (SACKS, 1998).

Além de continuarmos a destacar o reconhecimento da língua de sinais a partir de 1960, nos parâmetros da Linguística iniciados por Saussure, acreditamos que é estratégico marcar a afirmação das línguas de sinais derivadas dos estudos realizados por surdos e seus aliados, há mais de cem anos. Em verdade, podemos confessar que apresentamos neste texto uma problematização e uma demanda. Indagamos: o reconhecimento das línguas de sinais aconteceu somente após 1960? Ao mesmo tempo, demandamos dos pesquisadores que estudam língua de sinais uma avaliação detalhada da obra *Mimographie or Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds-muets*, na qual

⁴ Tese defendida pela primeira autora, sob orientação da segunda.

⁵ Acompanhando as mudanças da organização administrativa e, em especial, com as formas de governo na França, o Instituto de Surdos de Paris teve seu nome modificado muitas vezes. Usaremos o termo Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, ainda que não corresponda exatamente aos diferentes períodos citados.

Bébian elaborou, em 1825, uma escrita de sinais. O professor do INSMP, que se tornou bilíngue, buscava uma forma de difundir a língua dos surdos, experimentava um meio para regularizá-la e utilizá-la na educação dos seus alunos.

2. Reconhecimento e difusão das línguas de sinais: Vigotski e Berthier

Para compreender a inserção de surdos como professores do INES, por meio das suas narrativas, entrevistamos seis professores surdos. Dois professores atuaram nas Oficinas Profissionalizantes, dos anos 1950 até os anos 1990 e estão aposentados. Quatro professores pertencem ao quadro de servidores ativos e foram admitidos mediante o Concurso Público n.º 09/2012. Ademais, por análise documental e bibliográfica localizamos relatos provocados por outras pesquisas realizadas no Instituto (FREITAS, 2016, p. ex.).

Por ambos procedimentos foi afirmado que havia o uso, ainda que furtivo, da língua dos surdos na instrução dos alunos do INES (LAGE, 2019). Diante dessas informações e análises, avaliamos que a língua de sinais estava na formação dos alunos do Instituto antes que tivesse sido admitida formalmente no currículo, no século XXI. “A língua de sinais estava ali, desde sempre e desde o início do Instituto. Foi introduzida pelo professor surdo francês, Edouard Huet, no século XIX” (LAGE, 2019, p. 402).

Em outro movimento da mesma pesquisa, apresentamos a História da Educação de Surdos narrada pelo Professor Ferdinand Berthier. O contato com sua obra oportunizou perceber que haviam avançado - ao menos a partir do século XIX - tanto a luta pelo reconhecimento da língua de sinais quanto os estudos sobre a mesma.

Identificamos o emprego de nomenclaturas diferentes das que utilizamos nos dias atuais. O que entendemos como língua de sinais foi referido historicamente como “linguagem de sinais, língua dos gestos, mímica, pantomima, língua natural dos surdos” (LAGE, 2019, p. 80), entre outros nomes. Sugerimos que esse fato não deva se constituir num empecilho para avaliar com cuidado os estudos sobre as línguas de sinais, em especial aqueles que admitiam sua importância como ferramenta construída socialmente para consolidar e transmitir conteúdo simbólico. A nomeação se fazia de acordo com as tendências e saberes engendrados nas diferentes épocas e por isso mantivemos os termos originais no nosso texto. Durante a pesquisa também fomos provocadas a rever nossa contrariedade quanto a um desses termos antigos: mímica. Benjamin (1987) – argumentando acerca da faculdade mimética da linguagem - e Vigotski (1997) – pesquisando o desenvolvimento e a educação de surdos - nos auxiliaram a refletir sobre esse termo.

Benjamin (1987) avaliou que a linguagem, como um dos fenômenos da natureza, engendra semelhanças nem sempre perceptíveis. Argumentou que a escrita e a linguagem oral,

transformaram-se em “arquivo de semelhanças, de correspondências extrassensíveis” (p. 111), sem que isso as isole da dimensão semiótica. “O dom de ser semelhante, do qual dispomos, nada mais é que um fraco resíduo da violenta compulsão, a que estava sujeito o homem, de tornar-se semelhante e de agir segundo a lei da semelhança” (BENJAMIN, 1987, apud LAGE, 2019, p. 383).

A faculdade mimética teria uma história nos sentidos filogenético e ontogenético. As próprias brincadeiras infantis estariam no cerne dessa capacidade. Embora impregnados de comportamentos miméticos, não se limitariam à imitação. Longe de esgotar a reflexão, Benjamin (1987) apontava que era preciso investigar significação e história da faculdade mimética.

Em diferentes períodos da história da educação de surdos no mundo (BERTHIER, 1840)⁶ e no INES (LAGE, 2019), não foi permitido aos surdos usufruir essa lei da semelhança humana. Por que coibir o que era espontâneo? Lev Vigotski constatou o prejuízo causado por tal interdição e também empregava o termo *mímica* para se referir às línguas de sinais. Como um dos fundadores da Psicologia Histórico-Cultural, Vigotski, inicialmente, interpretava a língua não oral dos surdos como um entrave para sua educação. No livro *Fundamentos de Defectologia* (VIGOTSKI, 1997), podemos acompanhar como o psicólogo mudou sua avaliação.

Atento, percebeu que a oralização não promovia o desenvolvimento pleno da linguagem das crianças surdas. Insistente, indicou que era preciso intervir precocemente no Jardim de Infância para criar nas crianças surdas o desejo pela fala. Propôs, em 1925, uma *Comprobación experimental de los nuevos métodos de enseñanza del lenguaje a niños sordomudos* (VIGOTSKI, 1997, p. 341-344). Dos três métodos que propunha testar, nenhum preconizava a mímica como meio principal de instrução. Mas, numa das teses alusivas à conclusão do experimento, defendeu que a mímica deveria ser utilizada na educação de surdos.

Em 1930, na II Conferência Russa, juntamente com as equipes das escolas para crianças surdas-mudas, Vigotski apresentou as conclusões da comprovação experimental com o artigo *Sobre el problema de la educación y del desarrollo lingüístico del niño sordomudo* (VIGOTSKI, 1997, p. 353-354), no qual, a partir da Psicologia, reconheceu a língua de sinais. Afiançou a necessidade de “admitir que o problema da educação linguística da criança surda-muda estava relacionado ao nexo entre a educação linguística e a educação geral” (LAGE, 2019, p. 308), bem como de “revisar a atitude teórica e prática tradicional para os diferentes tipos de línguas da criança surda-muda, e, em primeiro lugar, para a mímica e a língua escrita” (VIGOTSKI, 1997, p. 353 apud LAGE, 2019, p. 308). O pesquisador assegurou que os estudos experimentais e clínicos da área demonstraram que “no estado atual da pedagogia dos surdos, a **poliglossia**

⁶ O site Gallica, por meio de reproduções digitais de obras ao domínio público, tornou disponíveis obras pertencentes às coleções da Biblioteca Nacional da França (Lei n.º 78.753 de 17 de julho de 1978, da França).

[domínio de diferentes sistemas de língua] constitui o caminho iniludível e mais frutífero para o desenvolvimento linguístico e a educação da criança surdo-muda” (VIGOTSKI, 1997, p. 353, grifos do autor apud LAGE, 2019, p. 308)⁷. As crianças surdas russas interpelaram os psicólogos que tiveram de reconhecer as línguas de sinais, “o que a Linguística, como campo científico, legitimaria trinta anos depois” (LAGE, 2019, p. 309).

Por isso, junto com a língua inculcada artificialmente, se vale com mais vontade da **língua da mímica que lhe é própria e que cumpre nele todas as funções vitais da língua**. Apesar de todas as boas intenções dos pedagogos, a luta da língua oral contra a **mímica**, por regra geral, sempre termina com a vitória da mímica, não porque esta seja, desde o ponto de vista psicológico, a verdadeira língua do surdo-mudo, nem porque seja mais fácil - como dizem muito pedagogos -, mas porque **constitui uma autêntica língua em toda a riqueza de seu significado funcional**, enquanto a pronúncia oral das palavras, inculcada artificialmente carece da riqueza viva e é somente uma cópia morta da língua viva (VIGOTSKI, 1997, p. 231, grifos nossos).

Temos a oportunidade de notar nas mudanças de compreensão de Vigotski “dilemas revelados pela prática que o levaram a rever suas posições e buscar novas soluções para a educação nessa área” (LACERDA, 1996, p. 58). Na Psicologia Histórico-Social, uma avaliação cuidadosa precede a promoção da aquisição ou aprendizagem de línguas. A aquisição está relacionada com a apreensão espontânea, que nos surdos costuma acontecer com as línguas de sinais quando provocados pelo ambiente social onde aprendem e se desenvolvem. Todavia, o trabalho de Vigotski foi censurado e proibido na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a partir de 1934. Podemos apenas imaginar o provável impacto de suas concepções na educação de surdos caso tivesse tido a oportunidade de difundi-las.

O trabalho de William C. Stokoe Jr. é considerado o marco em termos de reconhecimento das línguas de sinais. Tal contribuição é valiosa e celebrada pelos surdos no mundo todo. Contudo, acreditamos que os estudos do professor surdo Ferdinand Berthier e de seu mestre Roch-Ambroise Auguste Bébien também precisam ser valorizados. No século XIX, em contextos político e cultural adversos, esses professores empenharam esforços se empenharam ou se esforçaram para comprovar que a *mímica* dos surdos era de fato uma língua.

Sacks (1998) assegura que a convicção de que “a língua de sinais poderia possuir uma estrutura interna não é inteiramente nova - ela tem por assim dizer, uma singular pré-história própria” (p. 86-87), identificando Bébien como um dos pesquisadores. Souza (2003) também citou os surdos Desloges e

⁷ Lacerda (1996) debateu a abordagem Histórico-Cultural sobre educação e linguagem dos surdos. Avaliou que podem ser compreendidas como precursoras da Comunicação Total, pois apontavam à necessidade de aproveitamento da linguagem gestual dos surdos como instrumento para seu pleno desenvolvimento linguístico. Bem como, vincular tais estudos com “a abordagem bilíngue (o surdo como “poliglota”), onde o domínio da língua de sinais permitiria o acesso à língua majoritária” (p. 58). Ressalta, que naquela época, não havia ou não eram conhecidos estudos sobre as línguas de sinais. Argumentamos pela segunda hipótese.

Berthier como divulgadores de concepções que caracterizavam as línguas de sinais, como “intuições ‘linguísticas’” (p. 337).

Berthier é conhecido como fundador da associação de surdos e foi Presidente da Sociedade Central de Surdos-Mudos. A prática associativa que ele promoveu foi desenvolvida nos banquetes que organizava. Neles os surdos trocavam ideias, difundiam a língua de sinais e se apoiavam mutuamente. O primeiro banquete foi realizado em 30 de novembro de 1834, em memória do nascimento do abade Charles-Michel de l'Épée (LAGE & KELMAN, 2019). Nessa militância, Berthier recebeu apoio de Eugène de Mongable, personalidade literária dos anos 1820-1850, que concorreu para sua reputação no meio intelectual francês (CANTIN & CANTIN, 2017).

Berthier intencionava introduzir a língua de sinais na sociedade em geral. Era apoiado politicamente por outras personalidades ouvintes como Victor Hugo, Chateaubriand, Alphonse de Lamartine, Auguste Ledru-Rollin (CANTIN & CANTIN, 2017). Ele também pretendia reduzir o isolamento social dos surdos e, pela língua de sinais, permitir a comunicação com os ouvintes “de outra forma do que por escrito, já que a maioria dos surdos [daquele tempo] nunca frequentou escolas” (CANTIN & CANTIN, 2017, p. 99). O esforço oferecia uma dupla vantagem: preservar a língua de sinais, diminuindo o pré-julgamento que pesava sobre os surdos, provocar aceitação e reconhecimento da língua digna de nome próprio.

Berthier ingressou aos 8 anos no INSMP, em 1811, sob a gestão do abade Sicard (período 1800 a 1822). Naquela época, teve contato com duas referências surdas importantes, Jean Massieu (1772-1846) e Laurent Clerc (1785-1869), sendo este último fulcral para que a língua de sinais fosse divulgada nos EUA (QUARTARARO, 2002). Portanto, a própria Língua de Sinais Americana, estudada por Stokoe, assim como a Língua Brasileira de Sinais e de tantos outros países, têm na Língua de Sinais Francesa uma relação de origem⁸.

Embora saúde e sublinhe a obra de L'Épée, Berthier (1840) criticou aspectos do método por ele desenvolvido. Observou que o abade consultava as etimologias latinas e gregas para traduzir as palavras francesas e estabelecer os sinais metódicos, “ele desejava atrelar a língua dos gestos para submetê-la aos hábitos e fenômenos da língua convencional, sem refletir que uma, enxertada sobre a outra, torna-se necessariamente um contrassenso” (BERTHIER, 1840, p. 44). O sistema do abade L'Épée consistia em enquadrar o sinal com a palavra em vez de harmonizar com a ideia, sendo seguido pelo abade Sicard e

⁸ “(...) encontramos certo número de professores e diretores surdos franceses no exterior: Laurent Clerc nos Estados Unidos em 1817, Pierre Roger no México em 1823, **Edouard Huet no Brasil e México entre 1854 e 1865**, Frère Young em Quebec na década de 1870” (CANTIN, 2014, p. 79, grifos nossos).

todos os seus discípulos, exceto Bébian. Portanto, Berthier (1840) diferenciou os sinais metódicos da língua própria dos surdos.

Na sua obra de 1840, Berthier questiona tanto os sinais metódicos quanto o tratamento oferecido à mímica. Por esse motivo também apresentou críticas à publicação do abade Sicard, “Théorie des signes, ou Introduction à l'étude des langues” (1808 apud BERTHIER, 1840), um dicionário que Bébian, sobrinho do autor, considerou ser “uma espécie de romance filosófico, mais para a diversão dos amadores do que para a instrução dos mestres” (BERTHIER, 1840, p. 50). A obra tentava facilitar a formação dos alunos surdos. No entanto, Berthier (1840) afirmava que as paráfrases eram inúteis enquanto “apenas um sinal é suficiente para expressarmos essas duas ideias completas” (p. 51). Observemos que ele não costuma usar o termo sinal sempre, referindo-se ao que hoje denominamos língua de sinais, ou gestual na variação lusitana; utilizava a palavra mímica. Adiante, argumenta que a mímica “não se parece com nenhuma língua da instituição humana” (p. 52). Como professor de surdos, sendo ele mesmo surdo, reconhecia o valor de sua língua.

A mímica, por seu lado, mais feliz do que qualquer linguagem convencional, sem embarçar-se para reproduzir com fidelidade escrupulosa as expressões fugidias, presta-se com uma maravilhosa flexibilidade à extrema variedade de formas de discurso. O pensamento reflete-se nela como num espelho, com seus contornos mais delicados; materializa-se nela, por assim dizer: deixa-se surpreender e apreender à primeira vista, completo, visível, sensível, palpável, enquanto as línguas mais ricas têm constantemente recorrido a empréstimos para expressar ideias particulares. Novamente, todas elas dependem da imaginação, do cuidado de compensar o que falta, de embelezar o que simbolizam; semelhante a escala de Aristóteles, que, para tornar cada virtude melhor compreendida, estabeleceu-a entre os dois vícios correspondentes, uma escala para a qual havia lacunas porque, disse o famoso filósofo, não é minha culpa que minha língua tenha menos palavras para expressar as virtudes que os vícios. Mas, admitindo com Chateaubriand, que “o cristianismo traçou a dificuldade de uma maneira segura, mostrando-nos que as virtudes são virtudes apenas quando elas retornam à sua fonte, isto é, para Deus”, o resultado não será menos decisivo em favor da linguagem dos gestos (BERTHIER, 1840, p. 53-54).

Como não notar, no trecho acima, um especialista apresentando seu parecer quanto às capacidades da língua gestual dos surdos? Berthier (1840) previa que poderia ser contestado quanto a sua defesa pelo sistema dos signos. Percebia a “indiferença de certos professores em tolerá-los, quando é geralmente reconhecido agora que a lentidão dos signos faz a retidão das ideias, e que isto, por sua vez, exerce a mesma influência sobre o outro” (p. 54). Sob a autoridade de “um mestre iluminado” (p. 54), esperava o professor, “essa barbaridade vai desaparecer” (p. 54). Seu desejo ou previsão era: “Quem sabe se essa inovação benéfica não será adotada mais cedo ou mais tarde por outras escolas na França e no exterior? O triunfo da lógica é inevitável num futuro mais ou menos próximo” (p. 54-55). Além da luta pela educação como direito, os surdos estariam compreendendo a importância dos laços comunitários,

“dedicando-se com ardor aos seus direitos na carreira das letras, das ciências, nas artes, nas profissões industriais, sem qualquer outro motivo que não seja a utilidade geral e a glória do país” (p. 60). Dessa maneira, Berthier (1840) enfatiza o papel e os resultados do associativismo dos surdos no século XIX, nos quais a difusão e a luta pelo reconhecimento da língua eram fundamentais. Acreditamos que por isso, também, Berthier (1840) afiança que um bom professor de surdos-mudos conhece e pratica “a linguagem de ação” (p. 61). Ele criticava duramente a defesa pela pronúncia. Os educadores de surdos não deveriam difundir a falsa concepção de que as ideias abstratas só seriam alcançadas por meio da palavra/fala.

Portanto, embora sua obra tenha como figura central o abade L'Épée, Berthier (1840), afirmou a língua de sinais e difundiu as contribuições do mestre Bébien que construiu uma forma de registrar a língua gestovisual ou gesto-visual por escrito.

3. Os estudos da língua de sinais promovido por Auguste Bébien

Roch-Ambroise Auguste Bébien começou suas atividades no INSMP em 1802. Aproximou-se de tal modo dos alunos surdos que se tornou bilíngue e estabeleceu um tipo de relação raro naqueles tempos.

A hierarquia vertical, Ouvintes/Surdos, com base no critério audiológico, foi substituída por uma relação horizontal, igualitária, através da modalidade linguística, a comunicação. A fronteira não é mais normal/anormal, mas aqueles que falam/aqueles que sinalizam. Essa consciência de identidade essencial, que distingue "eles", os ouvintes-falantes de "nós", os surdos-mudos, é, sem dúvida, uma contribuição indireta de Bébien (BERTIN, 2015, p. 120).

Em 2015, Fabrice Bertin defendeu, na universidade francesa de Poitiers, a tese *Auguste Bébien et les Sourds, Le chemin de l'émancipation*. O título antecipa a importância desse personagem para gerações de surdos. Podemos reforçar essa ideia, indo diretamente para as conclusões do estudo

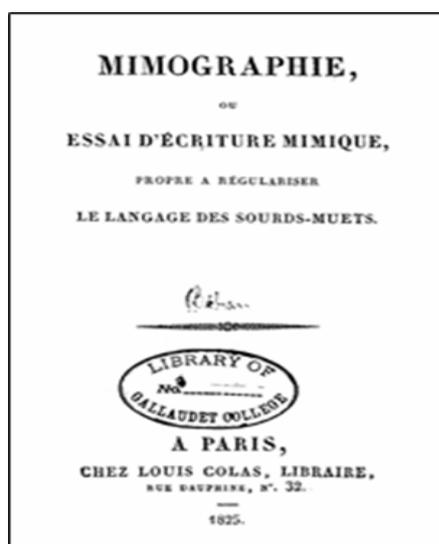
Seu argumento em favor da língua de sinais, levado até um grau sem precedentes até então, desconstrói as argumentações acerca da relação linguagem/pensamento, relativiza a importância de qualquer sistema linguístico e oferece uma apreciação àquilo que foi considerado com desprezo como simples gestos. Sem dúvida, ele é o designer de uma educação bilíngue (língua de sinais - língua francesa), uma orientação pedagógica que os surdos não deixaram de reivindicar e que ainda está lutando para ser colocada em prática. O termo “bilíngue” é naturalmente anacrônico; tomamos a liberdade de associá-lo ao combate desse precursor, pois ele nunca deixou de defender uma consideração linguística dos signos, reconhecendo-lhes a funcionalidade de qualquer sistema linguístico. “A linguagem não é apenas um meio de comunicação entre mentes; é, ao mesmo tempo, expressão e instrumento do pensamento” (BÉBIAN, 1825, apud BERTIN, 2015, p. 258).

Embora a terminologia seja uma “expressão empregada, especialmente desde 1991” (BERTIN, 2007, p. 242), a concepção de ensino bilíngue no caso dos surdos remonta, pelo menos, a Bébien. Como

destacam Berthier (1840) e Bertin (2007), “ele mesmo [era] bilíngue no século XIX” (p. 242) e foi precursor de outros campos de saber, sobretudo a linguística (BERTIN, 2007).

Tuxi (2009) já nos alertava que, em sua obra, Bébian enunciou que na educação de surdos, na sala de aula, a língua dos surdos-mudos deveria ser usada “e que os professores deveriam ser surdos” (p. 6). A edição de *Mimographie ou Essai d'écriture mimique, propre à régulariser le langage des sourds-muets* (Figura 1), à qual tivemos acesso, foi publicada em 1825.

Figura 1: Capa do livro de Bébian



Fonte: Lage (2019, p. 10)

Em 1818, Berthier se tornou monitor de Bébian, que o iniciou na pedagogia, estratégia para torná-lo professor (CANTIN & CANTIN, 2017). Em 1825, Ferdinand Berthier e seu colega, Alphonse Lenoir, foram os primeiros professores surdos titulares nomeados do INSMP (CANTIN & CANTIN, 2017). Além de Bertin (2015) e Cantin & Cantin (2017), Quartararo (2002) citou o livro *Le langage des sourds*, publicado por Cuxac em 1983, para afirmar que Bébian fez o primeiro estudo sistemático da língua de sinais francesa, defendendo-a de argumentos dos chamados oralistas. Ou seja, tais autores não se limitam a identificar uma espécie de pré-história (SACKS, 1998) no estudo das línguas de Bébian, nem a presença de “intuições ‘linguísticas’” (SOUZA, 2003, p. 337) nas avaliações de Berthier.

Bébian (1825) introduz o já referido livro criticando os especialistas que consideravam a linguagem mímica imprecisa e irregular “porque nós não a estudamos o suficiente para conhecer todos os seus recursos” (p. iii). Por isso, ele afirmou “eu devo traçar as principais regras da linguagem mímica” (p. iv). O mesmo autor esclareceu que uma comissão examinou a versão preliminar da obra, aconselhando que sua publicação não tardasse, julgando-a indispensável ao ensino. Contudo, assegurou que “não foi fácil descrever os gestos com palavras” (p. iv). A mimografia deveria se equivaler a maneira como “as

letras pintam a palavra” (p. v). Não podemos nos aprofundar e descrever toda a obra nesse texto, sugerimos que pesquisadores das línguas de sinais o façam. A seguir, exibimos alguns trechos da mimografia de Bébian⁹.

Do trecho que se estende da primeira até a décima página, após a introdução, Bébian (1825) explica suas preocupações e estratégias para tornar sua obra inteligível. Na página 10, apresenta os signos elementares e quando cita “Planche I” (do francês Placa I)¹⁰ se refere à folha P.I. (BÉBIAN, 1825, p. 43), uma espécie de apêndice do livro, no qual podemos ver (Figura 2) como ele conseguiu escrever os indicativos de movimento e acentos de modificação do movimento característicos da língua de sinais francesa.

Figura 2: Placa I



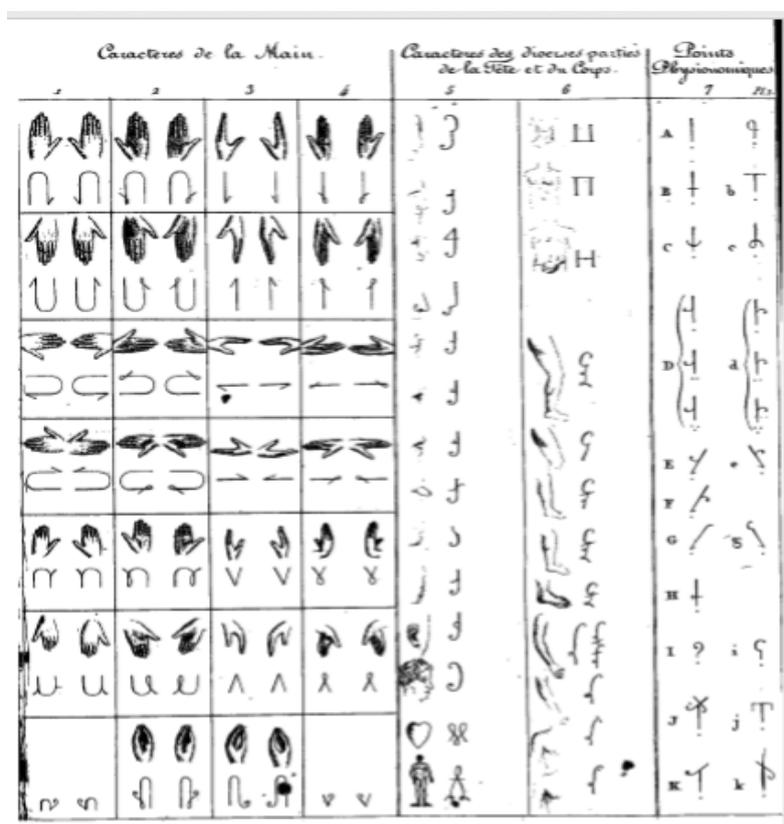
Fonte: Livro de Bébian (1825, p. 43)

⁹ Bertin (2015) apresenta em detalhes no capítulo 3, *Bébian, pedagogo: uma reflexão didática e pedagógica de vanguarda*, a proposta de escrita de sinais de Bébian (182, p. 218-241).

¹⁰ É provável que Bébian (1825) se referisse às placas utilizadas na técnica de impressão de imagens, denominada litografia. Para saber mais consultar <http://tipografos.net/tecnologias/litografia.html> (Acessado em: 27 abr. 2019).

Na página 14, Bébian (1825) descreve os caracteres ligados à mão, mostrando como escrever as diferentes configurações que as mãos poderiam apresentar (Placa II; Figura 3). O texto afirma que “a mão é o principal instrumento da linguagem mímica (...) com ou mesmo sem a junção com a fisionomia” (BÉBIAN, 1825, p. 14). Na página 16, o autor explica os caracteres que se referem às diversas partes do corpo. Na página 17, mostra os pontos fisionômicos. Na página 20, Bébian (1825) esclarece acerca da combinação dos signos elementares para a escrita mimográfica.

Figura 3: Placa II



Fonte: Livro de Bébian (1825, p. 44)

A Placa 3 (BÉBIAN, 1825, p. 55) exhibe exemplos da mimografia, nos quais percebemos (Figura 4) que a obra não objetivava apenas destacar a importância da língua de sinais do ponto de vista cultural e pedagógico. Caso tivesse se limitado a esses aspectos, já teria sido importante. Todavia, conforme já avaliaram os autores aqui citados (QUARTARARO, 2002; AGUIAR & CHAIBUE, 2015; BERTIN, 2015; CANTIN & CANTIN, 2017), Bébian (1825) nos apresenta um estudo aprofundado da língua. Em que medida suas conclusões diferem e/ou se aproximam dos estudos que a Linguística apresentaria no século seguinte? Essa é uma questão que precisamos entender.

A partir da página 20, Bébian (1825) mostra como relacionar as diferentes placas para usar a mímica; para registrar o discurso, ler e se expressar com a língua. Por exemplo, na página 23 (BÉBIAN, 1825, p. 23) explica que F3 na Coluna B (Figura 4) é a escrita do sinal que nomeia Deus.

Figura 4: Placa 3

<i>Emploi de la Mimographie.</i> P. 5			
A		B	
F1	ƒ _w	F12	ƒ _w 9
F2	ƒ _m	ƒ _w 3	
F3	ƒ _e	ƒ _w 9	
F4	ƒ ₃	F13	ƒ _w †
F5	ƒ _o	ƒ _w †	
F6	ƒ _e 0	F14	ƒ _w †
F7	ƒ _o	F15	ƒ _m \
F8	ƒ _o	F16	ƒ _m †
F9	ƒ _o	F17	ƒ _m †
F10	ƒ _o	F18	ƒ _e †
F11	ƒ _e 3	F19	ƒ _w †
F1	ƒ _w	F14	W
F2	ƒ _m	F15	W ƒ _w
F3	ƒ _e	F16	W ƒ _w †
F4	ƒ ₃	F17	ƒ _w W †
F5	ƒ _o	F18	W ƒ _w
F6	ƒ _e 0	F19	ƒ _w ƒ _w 0
F7	ƒ _o	F20	ƒ _w ƒ _w ƒ _w
F8	ƒ _o	F21	n ƒ _w ƒ _w
F9	ƒ _o	F22	n ƒ _w ƒ _w
F10	ƒ _o	F23	ƒ _w ƒ _w ƒ _w
F11	ƒ _e 3		
F12	ƒ _w †		
F13	ƒ _w †		

(*) On mettra un point sur le signe de la partie qui reste immobile; un trait sur celui de la partie vers laquelle se dirige le mouvement, et deux points si, dans son mouvement, la main en approche sans la toucher.
Les doigts s'indiquent: le pouce par 1, l'index par 2 &c. sur le correctif de la main.

Fonte: Livro de Bébian (1825, p. 45)

Na página 30, Bébian (1825) apresenta documentos anexos ao livro intitulados *Excertos de diversos relatórios feitos ao Conselho de Administração dos surdos-mudos de Paris, sobre o Manual de Instrução de surdos-mudos* (BÉBIAN, 1825, p. 39). O primeiro excerto reproduz uma carta escrita por ele endereçada aos membros do Conselho de Administração e do Conselho para Aprimoramento do Instituto Real de Surdos-Mudos de Paris, na qual indica os obstáculos à instrução dos surdos-mudos: “defeito do método, ou pelo menos da adoção de um padrão fixo e uniforme” (p. 30); “ausência de um sistema regular de signos” (p. 30); “falta de meios de estudo para os alunos (p. 31). Assume que havia, por parte da comissão, a expectativa de que ele traçasse as regras da linguagem mímica. Essa tarefa era de difícil execução, porém sua necessidade se impunha; envolvia sistematizar a linguagem mímica e

formar um sistema de signos; o que conseguiu fazer. Constatamos nessa obra uma das primeiras tentativas de estabelecer uma escrita de sinais.

Na página 40, Bébian (1825) expõe, como outro excerto, o relatório realizado para o Conselho de Administração do INSMP pelo barão de Gérando¹¹, em 1817, portanto, anterior à publicação do livro. No documento, o importante professor, referência em educação àquela época e presidente do conselho, avaliou as intenções de Bébian e a necessidade do mesmo receber apoio do INSMP para avançar nas pesquisas e publicações sobre a linguagem mímica. Assim, nas palavras do referido professor:

O Sr. Bébian já havia demonstrado, por um ensaio sobre os surdos-mudos e sobre a linguagem natural, publicado em 1817, o estudo aprofundado que fizera da teoria das línguas e dos métodos empregados para a instrução dos surdos-mudos. Nomeado logo às funções de repetidor (e depois de censor de estudos no estabelecimento de Paris), mostrou o talento mais distinto; e não teríamos medo de dizer que o Abade Sicard não encontrou nenhum colaborador que tenha conquistado melhor seus pensamentos e que, aplicando seu método, aperfeiçoou melhor os detalhes. Seu elogio ao abade de L'Épée alcançou um sucesso merecido (BERTIN, 2015, p. 174-175).

Sublinhamos, portanto, que também entre seus coetâneos foi afirmado que Bébian de fato estudou língua de sinais, antes de 1825. Reconhecimento obtido tanto por um militante interessado no tema como Berthier, professor surdo, quanto por Gérando.

Contudo, num período anterior à publicação de *Mimographie* (1825), no INSMP houve uma série de tensões que envolviam as concepções sobre educação de surdos. Bébian solicitou sua demissão em 1821, pois contestava as condições precárias de atendimento aos alunos e os problemas administrativos, chegando mesmo à confrontação física com o Professor Paulmier, naquele mesmo ano (BERTIN, 2015). Em 1830, após uma grave crise, os alunos solicitaram o retorno de Bébian e realizaram um movimento que, para a administração, havia sido incitado pelos professores surdos. Cantin & Cantin (2017) asseguram que os movimentos surdos franceses rememoram essa revolta ressaltando que os alunos reagiram ao desprezo dos professores, especialmente aqueles que estavam convencidos de que “os surdos-mudos nunca poderiam aprender tão bem quanto uma criança falante de quatro anos” (p. 97).

Presumimos que a apresentação dos anexos, nomeados excertos, foi uma estratégia para evidenciar que seu trabalho e sua competência foram reconhecidos mesmo pelos seus críticos.

Em 1832, Bébian foi escolhido para dirigir o Instituto Rouen de Surdos-Mudos. Em 1834, retornou à Guadalupe com sua família, sendo nomeado em 1838 diretor da Escola Mútua, transferida para Bointe-

¹¹ Joseph-Marie de Gérando (1772-1841), foi filósofo, antropólogo, teórico do ensino mútuo. Atuou também como Secretário Geral do Ministério do Interior, Conselheiro de Estado da França e Presidente do Conselho de Administração do INSMP de 1829 até 1841. Neste último ano houve grande reforma da administração central a qual estabeleceu uma comissão consultiva em substituição ao conselho de administração. O conselho de administração, criado em 1800, era onipresente nos assuntos do Instituto, incluindo o campo educacional, num contexto de indiferença da administração central (BERTIN, 2015, p. 51).

à-Pitre onde faleceu em 1839. Naquele mesmo ano, Berthier publicou o livro *Notice sur la vie et les ouvrages d'Auguste Bébien, ancien censeur des études de l'institut royal des sourds-muets de Paris*, refutado “ponto a ponto”, pelo Conselho Administrativo do instituto de Paris (BERTIN, 2015).

3. A Mimographie de Bébien (1825) nas pesquisas sobre escrita de sinais

Aguiar & Chaibue (2015) buscaram conhecer melhor Auguste Bébien porque avaliaram que *Mimographie ou Essai d'Écriture mimique* é “a mais antiga escrita que conseguimos registros (...); ressaltamos que esta escrita e seu criador são por muitas vezes esquecidos nas bibliografias que se referem a estudos em LS” (p. 1). Tal afirmação nos animou a realizar um levantamento simples na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações buscando três descritores: Escrita de sinais, SignWriting e Escrita das línguas de sinais (LAGE, 2019). Alguns trabalhos identificados foram eliminados após verificarmos que não referenciavam o tema, representação escrita dos sinais, em nenhum dos descritores.

Quadro 1: Trabalhos de conclusão de curso que até 2018 referenciam o livro *Mimographie* de Bébien (1825)

Autores que correspondem ao descritor	Descritores			Tipo TCC. Cita Bébien?
	Escrita de Sinais	Escrita da Língua de Sinais	SignWriting	
	19 trab. listados 04 referem tema	12 trab. listados 04 referem tema	01 trab. listado 01 refere tema	
ALMEIDA. Importância da escrita de sinais acoplado ao Ensino de Libras na ótica dos profs. de uma escola bilíngue para surdos na Cidade de São Paulo, 2016	Consta	Consta	Não	Dissert. Doc. não abriu
BARBOSA. A arte de escrever em Libras, 2017	Consta	Consta	Não	Dissert. Não
FERNANDES. Depoimentos de ouvintes universitários sobre a escrita de sinais, 2011	Consta	Consta	Não	Dissert. Não
GOMES. O uso de fóruns para o estudo da escrita da língua de sinais, 2009	Consta	Consta	Não	Dissert. Não
STUMPF. Aprendizagem de escrita da língua de sinais pelo sistema SignWriting, 2005	Não	Não	Consta	Tese Sim

Fonte: Lage (2019, p. 355)

Nessa sondagem, constatamos poucas dissertações e teses sobre o tema na base de dados pesquisada. Bébian (1825) foi citado oito vezes na tese de Stumpf (2005). A autora não enfatizou a relação entre ele e Berthier; o mesmo acontecendo em Aguiar & Chaibue (2015).

Considerado por seus contemporâneos surdos como o primeiro docente ouvinte que dominou com perfeição a língua de sinais (Berthier, 1840), Bébian foi além disso mestre dos pioneiros do movimento associativo surdo (Karakostas, 1993). O primeiro teórico de um modelo bilíngue para as escolas de surdos (Cuxac, 1983) (...) e o fundador da educação pública de seu país natal (Cuxac, 1983). Mas apesar de ser bem citado, Bébian é muito mal conhecido (AGUIAR & CHAIBUE, 2015, p. 3).

Para a pesquisadora surda Professora Marianne Stumpf (2005), Bébian era um defensor da língua de sinais, reconhecia que a educação de surdos deveria ser iniciada pelo domínio dos sinais - por meio do qual a criança pode tornar-se fluente nessa primeira língua, incluindo a escrita da língua de sinais, bem como dominar a língua do país somente na modalidade escrita. Stumpf (2005) afirma: “Bébian predisse, mas foi necessário chegarmos aos anos 60 para que os trabalhos do americano William Stokoe retomassem o caminho esboçado por ele” (p. 47). Diante de tal afirmação, “indagamos: Por que um conhecimento construído no século XIX - até onde sabemos -, a partir das experiências dos professores surdos e de surdos, não mereceu atenção dos pesquisadores coetâneos, ou anteriores a Stokoe?” (LAGE, 2019, p. 256). Sacks (1998), citado pela autora, afirmou que Bébian “percebeu que a língua de sinais possuía uma gramática própria (portanto, não precisava da gramática francesa alienígena e importada)” (p. 87). Afirmou ainda que não foi exitosa a tentativa de compilar uma “Mimografia” (p. 87) com base na decomposição dos sinais e que “não houve a identificação correta dos elementos verdadeiros (‘fonêmicos’) da língua de sinais” (p. 87).

Nessa mesma publicação, Sacks (1998) citou o antropólogo E.B. Tylor, amigo de surdos e fluente na língua de sinais que, em 1870, revelou aspectos interessantes que ele próprio identificou na língua de sinais, “e podia ter iniciado um verdadeiro estudo linguístico dessa linguagem se esse empreendimento não houvesse sido aniquilado, assim como todas as avaliações justas das línguas de sinais, pela conferência de Milão de 1880” (SACKS, 1998, p. 87). Em 1998, Kyle & Woll observam que “Tylor conhecia a fundo a gramática da língua de sinais, a ponto de deixar claro que ‘os linguistas apenas a vêm redescobrando nos últimos dez anos’” (SACKS, 1998, p. 87, grifo do autor).

Aguiar & Chaibue (2015) afirmam que a escrita de sinais proposta por Bébian “tem muitas semelhanças com o sistema de notação proposto por Stokoe em 1960” (p. 4). O estadunidense sabia da existência da notação francesa, mas não a considerava um antecedente da sua própria (AGUIAR & CHAIBUE, 2015). Em 1960, Stokoe considerou a escrita de sinais de Bébian uma “engenhosa tentativa

de desenhar um sistema de escrita para uma língua de sinais natural” (AGUIAR & CHAIBUE, 2015, p. 4).

3. Pelo não esquecimento de um patrimônio cultural e político dos surdos

Em vista de todo o exposto, antes de 1960 e da importante obra de Stokoe, havia argumentos favoráveis às línguas de sinais e estudos elaborados por professores surdos e de surdos. Mas tal fato é pouco difundido. Podemos supor que o desligamento de Bébian do INSM, a medicalização da surdez (REZENDE, 2012; KELMAN, 2012; LAGE, 2016; LAGE & KELMAN, 2018) e as recomendações dos congressos para educação de surdos tenham colaborado para o esquecimento. Apostamos nas narrativas dos surdos para rememorar as lutas, manter e aprofundar as conquistas.

Com relação aos congressos, o que até agora reconhecemos como o primeiro, o Congresso Universal para Melhorar a Sorte dos Cegos e Surdos-Mudos (CONGRÈS, 1879), realizado em Paris, em 1878, aceitou, ainda que de forma modesta, a necessidade de conservar “o emprego da mímica natural com função de auxiliar do ensino, como primeiro meio de comunicação entre o professor e o aluno” (CONGRÈS, 1879 apud LAGE, 2016, p. 28). No entanto, em Milão, no ano de 1880, houve o segundo Congresso com inexpressiva presença de pessoas surdas e maciça participação de entusiastas da oralização¹². Para Sacks (1998), a participação de Alexander Graham Bell, famoso inventor e produtor de máquinas de comunicação, foi decisiva. Sua família se dedicava ao ensino de elocuições e atividades para correção de impedimentos da fala (LAGE, 2016). Professores surdos e professores que utilizavam línguas de sinais no ensino foram impedidos de participar do Congresso de 1880 (SACKS, 1998).

Em ambos os congressos participou Eugène Pereire - filho de Isaac Pereire e neto de Jacob Pereire - defendendo a perspectiva da sua família. Eles foram grandes industriais e empresários do segundo período imperial da França, cujos negócios envolviam banco, indústria química, navegação, ferrovia, entre outros. Os empresários estavam interessados no debate sobre a surdez, uma vez que os surdos eram considerados como que possuindo um perfil interessante para assumirem os postos de trabalho (LAGE, 2019).

Conforme afirmado no início deste texto, buscamos as narrativas de professores surdos. Tal opção nos aproximou das pesquisas no campo da História Oral, vertente que se vincula ao conceito de identidade - embora alerte sobre os riscos da sua supervalorização - e considera o multiculturalismo como “realidade iniludível” (VILANOVA, 2000, p. 20). Constitui uma estratégia de estudo que não permite ninguém ficar

¹² Em Rodrigues (2018) há mais aspectos sobre o Congresso Internacional de 1878 (Paris), o Nacional francês de 1879 (Lyon) e o Internacional de Milão (1880), apresentados na pesquisa com o objetivo de analisar o processo de constituição da educação de surdos a partir de um estudo do monumento Congresso de Surdos de Paris (1900) e suas articulações entre pastorado cristão e biopolítica.

deixado ao “esquecimento, e principalmente os menos favorecidos” (p. 20). As inspirações originais da História Oral são: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; evidenciar as “realidades ‘indescritíveis’, quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono” (JOUTARD, 2000, p. 33).

Entretanto, também tomamos como referência Walter Benjamin. Com ele concordamos que os apelos do passado não podem ser ignorados (BENJAMIN, 2012). É dessa forma que percebemos as narrativas que Berthier (1840) realizou e apresentou, bem como as narrativas de Bébian realizadas em 1825, ou sobre Bébian efetuadas por meio de Bertin (2015). Ainda que a História transforme em coisa sua (BENJAMIN, 2012) “a(s) imagem(ns) do passado, ousamos buscá-la(s) nas expressões dos surdos” (LAGE, 2019, p. 115). A partir de Benjamin, refutamos a política do esquecimento, sobretudo, quando estamos motivados numa “luta pela transformação do presente” (GAGNEBIN, 2015, p. 6).

Consideremos o contexto adverso que Bébian, Berthier e seus companheiros enfrentaram. A obra de Bébian foi escrita num momento anterior à implantação da proposta médico-pedagógica de Itard para todos os alunos do INSMP, em especial a partir de 1829 (BERTIN, 2015).

Jean-Marc-Gaspard Itard (1774-1838) - responsável por pesquisar a situação de Victor de Aveyron, o chamado menino selvagem – é considerado fundador da otologia. Ele publicou concepções sobre as faculdades intelectuais e qualidades morais dos surdos. O oralismo, como proposta de formação dos alunos surdos, ganhou novos adeptos por causa dos experimentos de fala articulada conduzidas pelo médico e chegou a convencer muitos colegas acerca da possibilidade de curar a surdez (STINCKWICH, 2006). Os professores que usavam língua de sinais e não a oralização, preconizada como método único, sofreram rebaixamento nas suas colocações (LAGE & KELMAN, 2019). Os esforços teóricos e práticos de Bébian para divulgar a língua de sinais pode apresentar limitações no seu aspecto linguístico, conforme afirmou Sacks (1998), porém é preciso admitir que ele não foi politicamente aceito.

Percebemos que a maioria dos pesquisadores de línguas de sinais afirmam que elas só foram reconhecidas em 1960, a partir do livro *Sign language structure*, do linguista William Stokoe. Que apenas nessa obra se afirmou que as línguas de sinais são sistemas linguísticos legítimos com sintaxe, léxico e capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS & KARNOPP, 2004), nos termos da Linguística.

Todavia, Sacks (1998) já nos proporcionava evidências de que a língua de sinais havia sido estudada no século XIX e que os pesquisadores eram pessoas ligadas à comunidade de surdos e eram usuários da língua. Considerando ainda as pesquisas e afirmações de Quartararo (2002), Aguiar & Chaibue (2015), Bertin (2015) e Cantin & Cantin (2017), indagamos: Por que até hoje consideramos que as línguas de sinais só foram reconhecidas no século XX? Por que não consideramos o que argumentaram

os pesquisadores surdos, como Ferdinand Berthier, e/ou seus principais professores e aliados tais como Bébian, ou mesmo E.B. Tylor (SACKS, 1998)? Esses rastros estavam invisíveis? Parece que limitamos a defesa da comunicação sinalizada dos surdos como língua segundo os estudos de língua estabelecidos após determinado momento do século XX (LAGE, 2019).

Quando Bébian (1825), Berthier (1840) e Vigotski (1931, no texto traduzido em 1997) estudaram a linguagem mímica - dos gestos, dos surdos-mudos, de ação, entre outros nomes com as quais foi referenciada -, o campo Linguística não estava estabelecido tal como o conhecemos hoje. Todavia, o estudo das línguas é uma atividade muito antiga na humanidade.

Trask & Mayblin (2013) apontam o indiano Panini e o grego Aristóteles como expoentes da área. De maneira independente, o primeiro realizou seus estudos no século V a.C. e seus méritos foram reconhecidos pelo linguista Noam Chomsky (n.1928).

Cyranka (2014) nos lembra que os estudos da linguagem humana provocam “verdadeira fascinação” (p. 160) na Filosofia, Biologia, Antropologia, Etnologia, Psicologia entre outros campos de saber. Nesse âmbito, são reconhecidas abordagens paralinguísticas e pré-linguísticas. No primeiro caso, estão circunscritos os estudos lógico e biológico da linguagem. As abordagens pré-linguísticas abarcam estudos sobre a separação entre o certo e o errado, sendo “certa apenas a linguagem utilizada pelas classes sociais superiores” (p. 164) para conservação de seus traços, originando os estudos de gramática; a compreensão de textos antigos, originando os estudos filológicos; e o estudo das línguas estrangeiras provocado pelo contato entre as sociedades de línguas diferentes (CYRANKA, 2014).

A supracitada autora ressalta as seguintes palavras de Coseriu (1980): “quanto ao equívoco comum de se considerar a linguística moderna como inovadora em sentido absoluto” (CYRANKA, 2014, p. 164). Por meio do levantamento de temas que costumam ser atribuídos a Saussure e a outros linguistas, Coseriu (1980) argumenta essas questões eram debatidos desde a Antiguidade. Ele reconhece e ilustra a “retomada dos enfoques” (p. 164) com os exemplos abaixo:

(...) ainda atribuída a Saussure, a distinção *langue/parole* e a Chomsky *competence/performance*, remonta à Antiguidade e sempre esteve presente, de modo implícito, em todos os estudos de gramática, “[...] porque nenhuma gramática jamais descreveu o falar, o desempenho, mas sempre pretendeu descrever a *língua*, o saber linguístico, a *langue*, a competência.” (Coseriu, 1980, p. 6). Esta questão foi explicitamente tratada por Hegel na fórmula “o falar e seu sistema, a língua” e Gabelentz, “o falar” e “a faculdade da linguagem”; a arbitrariedade do signo foi questão também amplamente discutida pelos filósofos gregos (analogistas e anomalistas) tendo Coseriu encontrado “[...] uma tradição ininterrupta, através de Boécio e da filosofia escolástica até a época moderna, da determinação do signo como arbitrário” (COSERIU, 1980 apud CYRANKA, 2014, p. 165).

Será, então, que Cyranka (2014) e suas referências podem nos insinuar que o estudo de Stokoe, realizado na Universidade Gallaudet, pode ser considerado uma retomada ao enfoque de Bébian (1825)? O que afirmou também Stumpf (2005)? Aguiar & Chaibue (2015) afiançam que o próprio Stokoe conheceu a escrita de sinais de Bébian (1825). Quem sabe podemos considerar uma resposta do estadunidense ao apelo do professor surdo do século XIX, o qual repetimos: “Quem sabe se essa inovação benéfica não será adotada mais cedo ou mais tarde por outras escolas na França e no exterior? O triunfo da lógica é inevitável num futuro mais ou menos próximo” (BERTHIER, 1840, p. 54-55). Deixamos essas perguntas para os colegas pesquisadores das línguas de sinais.

Comprendemos que a produção de conhecimento é uma tarefa colaborativa. Embora existam preocupações com a cronologia das ideias e a indicação de marcos, insistimos em focar os aspectos políticos e cultural envolvidos na rememoração da pesquisa e do ativismo de estudiosos surdos e seus aliados, em todos os tempos.

Considerações finais

Quartararo (2002), Aguiar & Chaibue (2015), Bertin (2015), Cantin & Cantin (2017) afiançaram que há pouco reconhecimento acerca do trabalho de Roch-Ambroise Auguste Bébian. Diante das suas conclusões, argumentamos que é importante enfatizar o reconhecimento que as línguas de sinais receberam antes do trabalho de Stokoe (1960).

Após Condillac ter conhecido e aprovado o método do abade L'Épée (SACKS, 1998), após ter havido a mudança de concepção educacional e acolhida dos surdos na Europa e na América do Norte, professores surdos e de surdos convictos da importância da língua de sinais podem ter acreditado que tais conquistas eram definitivas; que não haveria retrocessos. Todavia, a “era de ouro da educação de surdos” (BRITO, 2013, p. 164) não durou muito. Em 1850, nos EUA, cerca de 50% dos professores de surdos eram surdos; após Congresso de Milão de 1880, na virada do século, a proporção caiu para 25%, e em 1960, eles foram reduzidos para 12%. Cada vez mais o inglês, e não a língua de sinais, era a língua considerada para instruir os surdos (SACKS, 1998).

Sem medo de parecermos prescritivas, acreditamos que é preciso atentar para o fato de que a luta pelos direitos dos surdos é contínua e exige de nós avaliação constante sobre o que, como, quando e com quem nos movemos.

Rememoremos, para que não caiam no esquecimento, patrimônios de uma luta que não é contemporânea. Os estudos de Bébian, de Berthier e de todos os que tomaram as fileiras com eles são parte do patrimônio cultural dos surdos. As novas gerações podem se beneficiar desta rememoração ao notarem que, em outros tempos, em contextos também difíceis e desafiadores para garantir os direitos dos

surdos, foi possível realizar muitos avanços. Se durante um bom tempo a Gramática de Port-Royal ignorou as línguas de sinais, tendo sido necessário aguardar Stokoe, que os surdos e seus aliados saibam que entre nós houve aqueles que as valorizaram devidamente. Não abrimos mão da obra de Stokoe como baliza no estudo das línguas de sinais, no entanto, conservemos de pé outras balizas importantes neste território.

Referências

AGUIAR, T.C.; CHAIBUE, K. 2015. Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n.15, mar. 2015, pp. 1-28.

ALMEIDA, M.L.G. de. 2016. Importância da escrita de sinais acoplado ao Ensino de Libras na ótica dos professores de uma escola bilingue para surdos na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo.

BARBOSA, G.O. 2017. A arte de escrever em Libras. Dissertação de Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

BÉBIAN, R-A.A. 1825. *Mimographie, ou Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds-muets*. Paris: Chez Louis Colas Libraire. Disponível online em:

<https://archive.org/details/BebianMimographieLangageSourdsMuets1825/page/n45>. Acesso em: 04 maio 2016.

BENJAMIN, W. 1987. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, pp. 197-221 (Obras escolhidas v. 1).

BENJAMIN, W. 2012. Sobre o conceito da História. In: _____. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 7-20.

BENJAMIN, W. 1987. A doutrina das semelhanças. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, pp. 108-113. (Obras escolhidas v. 1).

BERTHIER, F. 1840. *Les sourds-muets, avant et depuis l'abbé de l'Épée*. Paris: Ledoyen, 1840. Disponível online em: https://archive.org/details/BIUSante_67658. Acesso em: 10 jun. 2016.

BERTIN, F. 2015. *Auguste Bébian et les Sourds: Le chemin de l'émancipation*. Tese de Doutorado, Centre de Recherches Interdisciplinaires en Histoire, Art et Musicologie, Université de Poitiers.

BERTIN, F. 2007. Les enfants sourds à l'école en France: pour un projet bilingue. *Enfance*, n.º 3, 59: 237-244. Paris.

BRITO, F.B. de. 2013. O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua de sinais. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

CÂMARA JR., J.M. 1975. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.

COSERIU, E. 1980. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CANTIN, A.; CANTIN, Y. 2017. *Dictionnaire biographique des grands sourds en France: Les silencieux de France, 1450-1920*. Paris: Archives et culture, DL, pp. 95-106.

CANTIN, Y. 2014. *Les Sourds-Muets de la Belle Époque, une communauté en mutation*. Tese de Doutorado, Centre de Recherches Historiques. École des Hautes Études en Sciences Sociales.

CONGRES universel pour l'amélioration du sort des avengles et des sourds-muets. 1879. Paris: Imprimerie Nationale.

Disponível em: https://archive.org/details/8VSUP122_29/page/n12. Acessado em: 04 maio 2016.

CUXAC, C. 1983. *Le langage des sourds*. Paris: Payot.

CYRANKA, L.F.M. 2014. Evolução dos estudos linguísticos. *Revista Práticas de Linguagem*, 4.2: 160-198. Juiz de Fora.

- FERNANDES, L. 2011. Depoimentos de ouvintes universitários sobre a escrita da Língua de Sinais. Dissertação de Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FREITAS, G. de M. 2016. Singularidades entrelaçadas: os cursos de formação/especialização de professores de deficientes auditivos - Brasil e Portugal (1950-1980). Tese de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GAGNEBIN, J.M. 2015. Walter Benjamin - esquecer o passado? In: MACHADO, C.E.J.; MACHADO JR., R.; VEDDA, M. (Org.). Walter Benjamin. Experiência histórica e imagens dialéticas. São Paulo: Editora UNESP, pp. 3-12.
- GOMES, G.N.C. 2009. Uso de fóruns para o estudo da escrita da língua de sinais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará.
- JOUTARD, P. 2000. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (Org.). História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, pp. 31-45.
- KARACOSTAS, A. 1993. Looking Back: A Reader on the History of Deaf Communities and Their Sign Languages, ed. R. Fischer and H. Lane. Hamburg: Signum.
- KELMAN, C.A. 2012. Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias. In: LODI, A.C.B. et al. Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, pp. 49-70.
- KYLE, J.G.; WOLL, B. 1985. Sign Language: the study of deaf people and their language. Cambridge, Cambridge University Press.
- LACERDA, C.B.F. de. 1996. O processo dialógico entre aluno surdo e educador ouvinte: examinando a construção de conhecimentos. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- LAGE, A.L. da S.; KELMAN, C.A. 2019. Educação de surdos pelo professor surdo Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. Revista Brasileira de História da Educação, 19: 1-23.
- LAGE, A.L. da S.; KELMAN, C.A. 2018. Por um debate democrático: políticas de saúde e educação intervenientes na subjetividade de pessoas surdas. In: KELMAN; C.A; OLIVEIRA, T.F. de; ALMEIDA, S.A. (Org.). Surdez: comunicação, educação e inclusão. Curitiba: CRV, pp. 47-62.
- LAGE, A.L. da S. 2019. Professores Surdos na Casa dos Surdos: "Demorou muito, mas voltaram". Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LAGE, A. L. da S. 2016. O implante coclear no processo de medicalização e produção de subjetividades surdas - ou - Do sofrimento e da resistência. In: Comissão de Psicologia e Educação do CRP-RJ (Org.). Conversações em Psicologia e Educação. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia 5ª Região, pp. 23-40.
- MARCUSCHI, L.A. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: M.A. BEZERRA; A.P. DIONÍSIO; A.R. MACHADO (Org.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36.
- QUADROS, R.M. de; KARNOPP, L. 2004. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed.
- QUARTARARO, A.T. 2002. The Life and Times of the French Deaf Leader, Ferdinand Berthier: An Analysis of His Early Career. Sign Language Studies, 2.2: 182-196, Winter (Article) Published by Gallaudet University Press
- For additional information about this article Access provided by UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/sls.2002.00072002>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- RODRIGUES, J.R. 2018. As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900): problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo.
- SACKS, O. 1998. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras.
- SICARD, R-A.C. 1808. Théorie des signes, ou Introduction à l'étude des langues. Lyon: Biblioteca Pública de Lyon.

Disponível em: <https://books.google.ru/books?id=kz1C4n-FbTgC>.

Acessado em: 07 jun. 2018.

SOUZA, R.M. de. 2003. Intuições "linguísticas" sobre a língua de sinais, nos séculos XVIII e XIX, a partir da compreensão de dois escritores surdos da época. DELTA [online], 19.2 : 329-344.

STINCKWICH, M.B. 2006. L'Institut National de Jeunes Sourds de Paris. Paris. Disponível em:

<http://www.injs-paris.fr/page/lhistorique>

Acessado em: 10 ago. 2014.

STOKOE, W. 1960. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. New-York: University of Buffalo.

STUMPF, M.R. 2005. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador. Tese de Doutorado, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TRASK, R.L.; MAYBLIN, B. 2013. Entendendo linguística. São Paulo: LeYa.

TUXI, P. 2009. A atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

TYLOR, E.B. 1870. Researches into the early history of mankind. Londres: Murray.

VIGOTSKI, L.S. 1997. Fundamentos de Defectologia. Madrid, España: Visor.

VILANOVA, M. Significado do X Congresso Internacional de História Oral. In: FERREIRA, M. de M.;

FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (Org.). 2000. História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, pp. 19-21.